

**CURSO SOBRE "A CONSTITUIÇÃO DO EU" COMEMORA OS 40 ANOS DA
DERDIC**

ELOISA TAVARES DE LACERDA¹

"Neste novo milênio estamos presenciando o declínio da Função Paterna, mas temos à disposição a Função Fraterna, pois, graças à formação do Eu Grupal, estamos sempre em condição de formarmos grupos e assim garantirmos em segurança o espaço para a diversidade e a diferença. Penso que, sem mestres, porém com nossos pares, podemos, eventualmente, enfrentar melhor as mudanças necessárias no nosso sistema de nos pensar tanto a nós mesmos como o nosso próprio mundo!" (Paulina Rocha)

Nestes meses de abril (25), maio (09 e 23) e junho (06), no período de comemoração dos 40 anos da Deric/PUC-SP, aconteceu um evento científico com a psicanalista croata, radicada no Brasil, Paulina Schmidtbauer Rocha. O curso intitulado "A constituição do Eu" foi oferecido no SAMBE - Serviço de Acolhimento Relação Mãe/bebê da Deric² - e dirigido aos profissionais que trabalham com bebês (em risco) e crianças que apresentam transtornos precoces do contato afetivo, e a toda a rede que os cerca, nas áreas da saúde e da educação. Teve como objetivos: 1) aprofundar e atualizar conhecimentos teórico-clínicos sobre os transtornos precoces do contato afetivo; 2) oferecer um novo olhar sobre as questões relacionadas a esta clínica, privilegiando os conceitos de **Eu Grupal**, **Eu Sonoro** e **Rede Libidinal Tensional Grupal**, com o intuito de contribuir para o entendimento do modo particular pelo qual as crianças ditas autistas investem e se interessam pelo mundo externo, ou seja, ressaltando a forma como se dá a constituição subjetiva dessas crianças.

Profissional de consistente e reconhecida experiência clínica com pacientes que apresentam Transtornos Autísticos (Precoces) do Contato Afetivo, Paulina transmitiu, de modo bastante didático, conceitos teóricos altamente específicos e experiências clínicas atravessadas por suas leituras da teoria psicanalítica. Ao mesmo tempo em que nos alertava para os perigos da "substantivação do autismo", apresentou-nos toda uma rede de autores (nacionais e estrangeiros), a começar por suas releituras de alguns textos de Freud, e um fazer clínico interdisciplinar e plural, marcado pela compreensão de que a preocupação do clínico deveria estar menos voltada para diferenciar

crianças autistas de crianças psicóticas e mais à ajuda ao paciente para sair de seu sofrimento. Dessa forma, em sua vivência clínica, Paulina se distancia cada vez mais da localização pela estrutura, pois percebeu que assim o clínico acaba marcando um destino, quando ela, ao contrário, acredita que, enfocando o processo, *“tudo é mutável, sem determinismos, tudo é possível de ser transformável porque nos desenvolvemos por toda a vida”*.

O curso ressaltou um aspecto ainda pouco considerado pela Psicanálise, qual seja, a perspectiva de que o Eu se constitui também, já desde o início, através das múltiplas identificações sustentadas pelo investimento libidinal dos vários adultos que, com sua enorme gama de sonoridades, transitam em torno do berço do bebê, a partir de seu nascimento. Nesta direção, Paulina pretendeu pensar a constituição do Eu levando em consideração a incrível capacidade mutável, plástica e plural do ser humano, quando visto dentro da rede de relações que o compõe, pensando nas contingências inerentes ao meio ambiente circundante. Com relação a esta temática, Paulina trabalhou com os conceitos de “Rede Libidinal Tensional Grupal” e de Grupalização para chegar ao Ego Grupal, conceito utilizado por Sônia Salmeron³, psicanalista brasileira há anos radicada em Paris. Transmitiu ainda conceitos elaborados por Julia Kristeva⁴ - autora que fala na importância do ritmo -, quando “viajamos” pelo mundo das sonoridades e compreendemos a expressão “Bolha Sonora” como sendo “um núcleo central para aglutinar os vários Eus”. As sonoridades antecedem o olhar e, se estamos pensando no surgimento do sujeito psíquico, sua primeira estrutura é formada por entonação e ritmo e este fluxo sonoro irá se organizar de acordo com a prosódia da fala materna. Em sendo assim, o início da linguagem passará pelas experiências sonoras do corpo, ao mesmo tempo em que faz parte do corpo, nascendo no e do corpo e de suas sensações. Serão as primeiras experiências sonoras que marcarão o início da separação entre os corpos da mãe e do bebê, quando este pode começar a perceber que cada um é uma “caixa sonora” diferente. São elas também que marcarão as alternâncias de presença/ausência. As emissões vocálicas do bebê irão substituir a ausência da mãe nele, balbúcius que permitirão ao bebê dar conta, ele mesmo, de descarregar suas tensões. As sonoridades começarão a substituir o leite e o seio!

Ao longo do curso, foi ficando cada vez mais clara a relação conceitual entre estas duas autoras e o fazer clínico da professora e, principalmente, sua argumentação teórica. Além de remeter-se a vários trabalhos de Winnicott, Paulina citou textos como o “Eu-Pele”, de Anzieu, “Eu Grupal” de Anzieu e Kaëz, até chegar na “superfície do corpo” (citando um texto de Jurandir Freire Costa), obviamente muito bem acompanhada de Freud em seus textos “Romances familiares” de 1909 e “Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” de 1911, lido com o pensamento na relação mãe/bebê. Neste primeiro momento de curso, presenteou-nos de forma generosa com o fazer clínico individual e grupal dos pequenos pacientes atendidos em seu espaço de trabalho no CPPL⁵, lá em Recife. Já na primeira aula, ao falar de seu percurso profissional (desde a Croácia, passando por Paris e desaguando em Pernambuco), Paulina foi nos colocando a par do funcionamento desta instituição que, por princípio, foi calcado na necessidade de instituir uma gestão em que as relações entre teoria e clínica tenham coerência, pois

muitas das dificuldades que emperram uma organização deste tipo vêm diretamente das questões referentes à clínica e das dinâmicas entre os profissionais envolvidos nela. Dessa forma tivemos notícias sobre a gestão democrática do CPPL, onde todos os profissionais envolvidos passam por todas as funções e por todos os lugares - marcando-nos, ao início do curso, com o desejo de sua equipe de trabalho que *“é um grupo que queria ser plural”*.

Chegamos então a Donna Williams, autora australiana que escreveu o livro *“Se me tocam, eu não existo mais”*⁶. É a partir dele que Paulina nos faz embarcar no mundo daqueles que chamamos de autistas e/ou psicóticos, para pensarmos no trabalho clínico com estas crianças (e por que não, adultos também?), enfatizando que, na análise, devemos permitir-lhes a possibilidade de estar com alguém que não lhes exige nada, pois esta autora nos conta como, ao se sentir sem exigência, pôde ir pela primeira vez na direção de uma outra pessoa - enfatizando que, a partir deste momento, pôde ser ela mesma na vida. Então Paulina nos reafirma que primeiro *“é preciso ajudar nossos pacientes a constituir um mundo interno confiável para que depois eles possam ir para fora”*! Em seus escritos, Donna derruba completamente a idéia e a imagem do “ser autista e/ou ser psicótico” e nos interroga sobre o processo analítico e sobre o que é possível oferecermos sem constranger nossos pacientes com uma fala precipitada, porque isto muitas vezes - penso que na maioria delas - fecha portas internas. O que temos que produzir é a possibilidade de estes pacientes estarem com eles mesmos (e penso que é assim para qualquer de nossos pacientes!), e que isto poderia ser, para muitos, o fim da análise.

Para finalizar esta resenha, gostaria de enfatizar que o encontro com Paulina Rocha foi sério, profundo e leve, se é que os leitores podem me entender! Embora tudo o que circulou no curso tenha sido de uma densidade impressionante, saliento que a forma como se deu a transmissão chamou muito minha atenção. Ela foi muito acolhedora e muito ética com nossas questões clínicas e com nossos “rigores” teóricos, e aparentemente nos deixou transitar livremente pela clínica e pelos conceitos, mas - muito atenta à tensão do grupo -, foi nos conduzindo pela densidade da constituição do Eu da forma que nos propôs transmitir, ou seja, numa rica e lenta transmissão, onde os conceitos iam sendo apresentados de uma maneira tão leve que, inicialmente, parecia-me que estávamos conversando sobre a clínica e que a teoria estava de fora. Noutros momentos, acirrava-se a teoria e parecia que a clínica estava de fora, mas em nenhum momento me senti de fora desta transmissão. Penso que ela nos foi permitindo vivenciar ali, com ela e em grupo, suas sonoridades e suas pausas numa ou noutra direção, marcando-nos com as continuidades e descontinuidades em sua transmissão! Aliás, em muitos momentos me emocionei, talvez por me reportar à clínica que faço com estas crianças, mas também talvez pela re-leitura de minha posição de gêmea - pela primeira vez me senti ganhando com a experiência de uma vivência grupal já desde o meu nascimento...

¹ Coordenadora do SAMBE – Serviço de Acolhimento Relação Mãe/Bebê da Derdic/PUC-SP e do curso de especialização “Clínica Interdisciplinar com o Bebê – a saúde física e psíquica na primeira infância”

da Cogea/PUC-SP. Psicanalista Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e Membro Fundador da ABEBÊ – Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê, cuja Diretoria compõe.

² Em formato de seminário teórico-clínico, o curso foi organizado pela autora, como coordenadora do SAMBE, e contou com o apoio da ABEBÊ e do curso de especialização Clínica Interdisciplinar com o Bebê, da Cogea/PUC-SP. Foi patrocinado pela Derdic/PUC-SP e por Elisabete Arbatman (terapeuta ocupacional que faz Formação Continuada Especializada no SAMBE).

³ Salmeron, S. – Séminaire sur les concepts de base de la psychotérapie psychanalytique d'enfants et adultes, Centre Alfred Binet Association de Santé Mentale.

⁴ Kristeva, J. – “Contraintes Rythmiques et Langage Poétique”, in Polylogue.

⁵ CPPL : Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem.

⁶ Williams, D. – “Si on me touche, je n'existe plus”, Paris, Laffont, 1992 (Tradução livre de Paulina Rocha).